

■ Seminário «O que se cura em Psiquiatria?»

# A saúde mental e a pluralidade de referentes normativos

«A sugestão que deixo é a de ver a obra de António Damásio como a formação de um novo referencial normativo, mas não exactamente de uma norma única no campo da Psiquiatria», disse Tiago Pires Marques, no Centro de Estudos Sociais (CES), em Coimbra

■ **Vitalino José Santos**

«Uma vez que outros paradigmas e outras lógicas continuam presentes no domínio psiquiátrico, temos de lidar com uma pluralidade de referentes normativos, quer do lado dos agentes terapêuticos quer do lado dos pacientes», observava o investigador Tiago Pires Marques, convidado a participar, na tarde de 3 de Abril, num seminário organizado pelo Núcleo de Estudos sobre Políticas Sociais, Trabalho e Desigualdades (POSTRADE) do CES.

Ao intervir na sessão subordinada ao título «O que se cura em Psiquiatria? Esboço de uma antropologia histórica da saúde mental», este historiador (que, desde 2008, desenvolve um projecto de pós-doutoramento, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), sobre Psiquiatria, Política e identidades religiosas em Portugal e França nos séculos XIX e XX) pretendeu fazer uma apresentação transversal de vários trabalhos recentes em torno de um conjunto heterogéneo de temas, como a psiquiatria na Primeira República, a constituição de um saber e de uma prática psicanalítica no Estado Novo e, ainda, a obra de António Damásio, sobretudo na sua relação com o público.

Para Tiago Pires Marques, a questão «O que se cura em Psiquiatria?» constitui «uma boa entrada» para «apresentar esta diversidade temática de uma forma coerente», recorrendo ao seu projecto de investigação «Subjectividade, psiquiatria e religião», que envolve um «arco temporal definido de forma relativamente limitada: 1870 e 1940», embora «tenha feito prospecção com incidência em períodos anteriores e posteriores», a fim de tentar «compreender as epistemologias da loucura e da doença mental como geradoras de significados que vão para além do campo estritamente psiquiátrico».

## Relações entre quadros normativos diferentes

Na sua intervenção, o investigador no Centro de Estudos de História Religiosa (na Universidade Católica Portuguesa) e no *Centre de Recherche, Médecine, Sciences, Santé, Santé Mentale, Société* (Cermes 3, na Universidade de Paris Descartes) desdobrou a questão das relações entre quadros normativos diferentes da experiência religiosa e da fenomenologia do delírio religioso, relacionando-a com «diversos sistemas no-

sológicos historicamente identificáveis e analisando a sua política, económica e cultural». Ou seja, o orador procurou, particularmente em dois dos três de casos ou configurações históricas de que falou, estabelecer o papel das crenças religiosas ante os sentimentos dos psiquiatras e dos pacientes na «objectivação científica de experiências patológicas».

Em face da pergunta «O que se cura em Psiquiatria?», que justificou esta actividade do POSTRADE (núcleo do CES que «privilegia a abordagem crítica e potenciadora de novas perspectivas epistemológicas e analíticas sobre grandes temas hoje em discussão»), Tiago Pires Marques tomou aquela questão como «fio condutor» e analisou, como já referimos, casos representativos de três configurações históricas sobre as quais realiza investigação empírica no âmbito do pós-doutoramento: a psiquiatria da transição do século XIX para o século XX, a psiquiatria durante o Estado Novo e a neurociência de António Damásio.

## O conhecimento e as práticas psiquiátricas

No seminário dirigido a um público heterogéneo (sociólogos, psicólogos e psiquiatras, entre outros profissionais que prosseguem estudos académicos e interesses de investigação sobre as relações entre os sistemas formais e informais de produção de bem-estar; e que centram pesquisas nas temáticas da deficiência e da saúde mental, como sucede com a socióloga Sílvia Por-

tugal, que coordenou a sessão), o prelector quis analisar «como o conhecimento e as práticas psiquiátricas geram saber, geram significados e geram normas», admitindo que, «em certos momentos», assumem «ressonância política, religiosa e ética» na psiquiatria.

Por outro lado, o historiador (ao tecer um conjunto de considerações a propósito de aspectos que se prendem com a razão, com o Eu, com o inconsciente, com a integração social e com a actividade cerebral), tendo por base um conjunto de questões metodológicas preliminares, considerou que «podemos ver a formação não só de significados, mas também perceber que nas práticas terapêuticas, enquanto formas de interacção, se formulam normas, mais ou menos codificadas, que servirão de referência para situações futuras».

A este respeito, Tiago Pires Marques referiu-se à noção de «microcena instituinte», defendida por Pierre-Henri Castel (seu supervisor no Cermes 3, em Paris), sublinhando «a ideia de que a Psiquiatria (no seu sentido literal de “cura da alma”) se pode observar na interacção entre pacientes e terapeutas, quer sejam religiosos ou não.»

## A Psiquiatria, a psicanálise e os meios católicos

Assim, ao estudar a intervenção do psiquiatra e professor universitário Barahona Fernandes, o historiador (que, entre 2008 e 2011, integrou o projecto internacional intitulado «Filosofia, história e sociologia da doença mental») aludiu à formação do saber psicanalítico em Portugal, «no interior dos meios católicos» e pretendeu perceber o «acolhimento relativamente favorável» desta «nova» disciplina, nos anos 30 e 40 do século passado, por parte de alguns médicos católicos e do clero, nomeadamente de jesuítas». «Sendo a psicanálise — sobretudo, a psicanálise freudiana — extremamente crítica da religião, porquê este interesse?», interrogava Tiago Pires Marques.

Na sua alocução, o investigador do Cermes 3 comentou o posicionamento de Barahona Fernandes relativamente à psicanálise e descreveu um caso (publicado cientificamente) de uma terapia que o psiquiatra (que privilegiava uma perspectiva de «antropociência») «desenvolveu com uma freira carmelita que, em determinada altura, tem um problema de vocação e um comportamento que, no convento, consideram bizarro».

Ao colocar de lado possíveis diagnósticos, Barahona Fernandes «chega à conclusão de que se trata de uma perturbação do espírito subjectivo — ou da pessoa subjectiva — da freira e de uma desadequação em relação às expectativas morais do seu meio», que é o ambiente conventual e religioso. Neste caso, o psiquiatra mobiliza os conceitos de «pessoa», de «personalidade», de «espírito subjectivo» e de «espírito objectivo», alongando-se na descrição do caso acerca dos limites da teoria psicanalítica.

A comunicação de Tiago Pires Marques, no quadro da actividade do CES, «para além dos paradigmas científicos e da variabilidade da noção de norma», terá contribuído para sustentar a reflexão de que «os contextos político, religioso e institucional têm um impacto directo nas formas de conceptualização da doença mental e do seu tratamento».

Versão alargada em [www.tempomedicina.com](http://www.tempomedicina.com)



«António Damásio dá uma nova formulação à ideia de dualidade entre corpo e alma, em que as emoções permitem ligar o corpo aos níveis mais reflexivos da consciência», observa Tiago Pires Marques